

Influências e legados

Para um estudante de antropologia de hoje, os conceitos utilizados nos anos 1940-1950 na antropologia brasileira parecem saídos de um mundo de ficção científica. A antropologia física que consistia em metade das obrigações didáticas de Willems foi abandonada na formação dos antropólogos após as reformas das pós-graduações a partir da década de 1970, e sua herdeira, a antropologia biológica, voltou para as ciências médicas. Da mesma forma, a utilização da maioria dos conceitos empregados por Willems soam estranhos para a antropologia de hoje e há muito já caíram em desuso na teoria antropológica. “Assimilação”, “aculturação” foram substituídos. Os estudos de comunidade se tornaram uma nota nos estudos sobre o desenvolvimento das ciências sociais brasileiras.

Ao percorrermos a trajetória intelectual de Willems podemos entender melhor a afirmação de seu ex-aluno João Baptista Borges Pereira de que “Willems embarcava em vanguardas”. Willems estava atento às mais recentes teorias antropológicas do período e realizou pesquisas em diversas vertentes teóricas. Ao explorar os diversos conceitos e noções que o pesquisador utilizou ao longo de sua carreira, vemos como, ao explorar essas diversas correntes das ciências sociais, Willems produziu um repertório que marcou uma época do desenvolvimento da antropologia e das ciências sociais de forma geral no país. Afinal, como apontei ao longo do livro, se os conceitos utilizados por Willems parecem não ter mais lugar na produção científica dos nossos dias, suas pesquisas foram

fundamentais e marcadas por seu pioneirismo no país, sendo uma etapa decisiva para as pesquisas subsequentes.

Apesar do seu reconhecido legado, o nome de Willems aparece de forma dúbia na bibliografia. Ao mesmo tempo que é reconhecido, suas contribuições parecem ter caído em desuso. Mariza Corrêa descreveu bem esse processo. Segundo ela, apesar de Willems, assim como Donald Pierson, ter sido professor de boa parte da geração seguinte de sociólogos e antropólogos brasileiros, convívio com os outros estrangeiros que estiveram aqui na mesma época e com os cientistas sociais brasileiros de sua geração, sua contribuição à docência e à pesquisa, apesar de não ser subestimada, tampouco é conhecida em detalhes (Corrêa, 2013, p. 33). Nesse livro de Corrêa, a autora publica um pequeno relato autobiográfico de Willems em que o professor perpassa as principais lembranças sobre sua passagem no ensino superior no Brasil.

Um bom exemplo desse lugar dúbio de Willems é a entrevista concedida por Florestan Fernandes – aluno de Willems nas instituições paulistas na década de 1940 – em 1981 no Museu da Imagem e do Som e publicada em 1995 na revista *Novos Estudos Cebrap*. Afirmou o professor Fernandes (1995, p. 12): “Hoje ninguém lembra mais do Willem [sic], numa classe o estudante não sabe quem foi o Willem. No Brasil a pessoa morre enquanto está viva, ninguém manda o atestado de óbito para a família”. A fala de Florestan Fernandes apresenta uma questão importante que a publicação da entrevista parece comprovar: a grafia incorreta do nome de Emílio Willems ao longo de toda a publicação mostra que, em grande parte, mesmo com sua passagem de dezoito anos pelo Brasil, sua obra e atuação no e sobre o Brasil é pouco conhecida, e o professor parece ter passado por um processo de esquecimento a partir de sua ida para os EUA em 1949.

Uma das autoras que mais ajudou a divulgar a importância de Willems foi Glaucia Villas Bôas. Interessada na influência da sociologia alemã no Brasil e tendo a biografia escrita por Willems para Oracy Nogueira como

base, Villas Bôas (2000, 2006) mostrou a importância de Willems para estabelecer no Brasil uma sociologia alemã.

A autobiografia escrita para Oracy Nogueira e o texto escrito por Nogueira para a coleção *Grandes Cientistas Sociais* é uma importante fonte sobre Willems. Sobre a história dessa publicação, o leitor pode consultar o trabalho apresentado por Maria Laura Viveiros de Castro Cavalcanti (2008) e o manuscrito do livro redigido por Nogueira (1983) e nunca publicado que se encontra no acervo da Fiocruz.

Luiz Carlos Jackson é outro autor que tem uma produção relevante sobre o nome de Willems. O sociólogo mostrou como a polêmica dos estudos de comunidade se centraram numa dicotomia política entre ELSP e USP e afirma a importância dos trabalhos sobre o mundo rural de Willems para as pesquisas que se seguiriam.

Os pesquisadores interessados nos trabalhos sobre imigração também têm nas pesquisas de Willems um material fértil para seus estudos. Apesar do referencial teórico ter mudado, como demonstrado ao longo do texto, os dados coletados por Willems sobre a imigração germânica e japonesa no país continuam sendo usados atualmente. Da mesma forma, os estudos de Willems sobre o crescimento do protestantismo no Brasil fornecem para os antropólogos da religião insights de um tema que tem atraído cada vez mais interesse para se compreender o país atualmente.

Por fim, o leitor pode consultar minha dissertação defendida em 2020 sob o título *Antropologia entre três mundos: Emilio Willems e a institucionalização da antropologia brasileira* no Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Estadual de Campinas (Alves Pinto, 2020). O que era para ser uma pesquisa sobre os estudos rurais de Emílio Willems e sua importância para esse campo de estudos na institucionalização da antropologia brasileira acabou se tornando uma pesquisa sobre a trajetória intelectual de Willems. Em primeiro lugar porque queria mostrar que a contribuição do professor para a antropologia no país era muito maior do que por ter sido o primeiro a realizar por aqui

os chamados “estudos de comunidade”. Em segundo, porque ao apresentar a minha pesquisa que se iniciava, sentia que eram raros aqueles que sabiam do papel institucional de Willems, desconhecendo inclusive os seus estudos de comunidade. Nela, estruturei a trajetória de Willems nos três principais países (Alemanha, Brasil e EUA) e mostro as ressonâncias que a academia de cada um deles teve sobre a obra do autor. Caso o leitor queira se aprofundar na trajetória de Willems, lá tem um material mais completo. Além disso, perpasso na conclusão sobre os relatos autobiográficos escritos por Willems – o pequeno texto escrito para Mariza Corrêa (2013); o relato enviado para Oracy Nogueira (Willems, 1983); e o que chamo de sua autobiografia familiar inédita (Willems, 1993) – três das principais fontes de pesquisa do trabalho.

Dessa forma, espero que este livro possa iluminar para novos alunos a importância que o antropólogo teve na academia brasileira e incentivar novas abordagens sobre suas pesquisas. Considerando que minha dissertação sobre a trajetória do antropólogo também se tornou uma reflexão sobre o esquecimento de sua contribuição, pretendi apresentar aqui o percurso do professor Emílio Willems para o público brasileiro. Assim, se recentemente Mário Eufrazio (2020, p. 191-192) apontou que apesar de alguns textos de Willems terem sido republicados, “até agora ninguém se dispôs a retomar de modo aprofundado e detalhado a análise da obra de Willems, pelo menos nas duas décadas que ele passou entre nós – para não dizer no seu conjunto”, espero que o esforço aqui despendido ajude nessa empreitada.